

**CYRILLO DILERMANDO DA SILVEIRA:
COMPENDIO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA
DA PRIMEIRA IDADE: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA
DA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS**

Márcia A. G. Molina (UFMA)
marcia.molina@ufma.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de analisar o *Compendio de grammatica portuguesa da primeira idade*¹, do professor Cyrillo Dilermando da Silveira, professor das províncias do Espírito Santo e Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XIX, avaliando seu posicionamento acerca de Gramática, sua divisão e, na sequência, estudar seus postulados concernentes à Etimologia. Este estudo pauta-se na quinta edição da obra, datada de 1869, que já passara por duas reformulações em relação à primeira, publicada em 1855, momento em que ainda imperavam os pressupostos da gramática tradicional. O que se busca por meio dessa análise é interpretar as ideias linguísticas do autor, naquele contexto tão peculiar do século XIX, procurando compreender sua percepção sobre os fatos gramaticais. O método que norteia este trabalho é o descritivo-analítico, seguindo os pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 18989; 1992; FÁVERO; MOLINA: 2004; 2006; 2019; GUIMARÃES; ORLANDI, 1996; COLOMBAT *et al.*, 2017), ou seja, percorrer-se-á o horizonte de retrospção da obra, considerando as variedades e diversidades dos conceitos e procedimentos teóricos apresentados.

Palavras-chave

Cyrillo Dilermando da Silveira. História das Ideias Linguísticas.
Compendio de grammatica portuguesa da primeira idade.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the *Compendio de grammatica Portuguesa da primeira infância*, by professor Cyrillo Dilermando da Silveira, consecrated professor in the provinces of Espírito Santo and Rio de Janeiro in the first quarter of 19th century, evaluating the constitution of the work, its position about Grammar, its division and, next, to study its postulates concerning Etymologie. This study is based on the fifth edition of the work, dated 1869, which had already undergone two reformulations in relation to the first, given to the public in 1855, when the assumptions of traditional grammar still prevailed. Really, this analysis aim to interpret the author's linguistic ideas, in very peculiar context, trying to understand the author's perception and look at grammatical facts. The method that guides this work is, therefore, descriptive-analytical, following the theoretical assumptions of the History of Linguistic Ideas (AUROUX, 18989; 1992; FÁVERO; MOLINA: 2004; 2006; 2019; GUIMARÃES;

¹ A primeira edição da obra data de 1855.

ORLANDI, 1996; COLOMBAT et al., 2017), that is, traverse the retrospection horizon of the work, observing the varieties and diversities of the theoretical concepts and procedures presented in this grammar.

Keywords

Cyrillo Dilermando da Silveira. History of Linguistic Ideas
Compendio de grammatica Portuguesa da primeira infância

1. Considerações iniciais

Como se sabe, o século XIX foi marcado por importantes mudanças no cenário sócio-cultural brasileiro: ocorreu o movimento escravocrata, que culminaria na abolição, o avanço das lavouras de café, a participação brasileira na Guerra do Paraguai (a princípio vista como uma pequena batalha e que, aos poucos, foi ganhando uma dimensão não imaginada, enfraquecendo sobremaneira a figura de Dr. Pedro, fortalecendo os republicanos e ocasionando a mudança de regime, de monárquico para republicano) e o grande desenvolvimento das ciências, com o descobrimento do microscópio, por exemplo. Tudo isso e até mesmo as mudanças nos costumes marcaram esse século como sendo de profundas transformações.

O vigoroso desenvolvimento industrial e a nova época pediam a modernidade em todos os setores, especialmente na escola, momento em que ela foi institucionalizada, reorganizados conteúdos e novos estabelecimentos surgiam para atender à demanda que se impunha sobretudo nos novos (à época) centros urbanos que surgiam.

Simultaneamente a tudo isso, diversas correntes filosóficas iluminavam o pensamento dos intelectuais de todo o mundo, inclusive dos brasileiros, como o Positivismo, de August Comte, e o evolucionismo, de Darwin e Spencer. Somem-se a isso os primeiros estudos sobre psicologia, mostrando que a criança, diferentemente do compreendido até então, não era um adulto em miniatura, fato que exigiu a elaboração de material didático adequado a ela².

É nesse momento histórico que se situa o trabalho. Nosso objetivo é o de analisar o *Compendio de grammatica portuguesa da primeira*

² Nesse sentido, consulte-se FÁVERO e MOLINA (2019).

*idade*³, do professor Cyrillo Dilermando da Silveira, consagrado professor das províncias do Espírito Santo e Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XIX, avaliando neste trabalho a constituição da obra, no que se refere ao seu posicionamento acerca de Gramática, sua divisão e, na sequência, estudar seus postulados concernentes à Etimologia.

Importa sublinhar que este estudo pauta-se na quinta edição da obra, datada de 1869, a qual já passara por duas reformulações em relação à primeira, dada ao público em 1855, momento em que ainda imperavam os pressupostos da gramática tradicional.

Na realidade, o que se busca por meio dessa análise é interpretar as ideias linguísticas do autor, naquele contexto tão peculiar, procurando compreender sua percepção sobre os fatos gramaticais. O método que norteia este trabalho é, portanto, o descritivo-analítico, seguindo os pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1989; 1992; FÁVERO; MOLINA: 2004; 2006; 2019; ORLANDI, 2002; COLOMBAT *et al.*, 2013), ou seja, percorrer o horizonte de retrospectão da obra, considerando as variedades e diversidades dos conceitos e procedimentos teóricos apresentados.

2. *Breves palavras acerca da História das Ideias Linguísticas*

Antes de tudo, é importante frisar que essa disciplina, de caráter interdisciplinar, já que se vale dos pressupostos da Linguística e da História Cultural, permite que sejam estudadas não somente as antigas gramáticas, como que se analise qualquer outro saber fundado na ciência linguística, contemplando, também, o estudo das Instituições onde os saberes eram discutidos, alargados, disseminados, os veículos por onde circulavam e as polêmicas que suscitavam.

Para Aurox (1992), ao estudar uma obra gramatical, por exemplo, o historiador deve projetar os fatos num hiperespaço que comporta essencialmente três tipos de dimensão: • uma cronologia; • uma geografia; • um conjunto de temas. É isso que será feito: nosso tema: a gramática, a cronologia: o século XIX, a geografia: o Brasil.

³ A primeira edição da obra data de 1855.

Para Colombat *et al.* (2017), aquele que se debruça na História das Ideias Linguísticas deve criar condições para observar as teorias antigas, os conhecimentos produzidos, a forma como esses foram colocados, como foram concebidos e apreendidos os fatos.

Assim, entendendo o estudo dessa obra também como parte da história cultural, pretende-se observar de que forma foi pensada, compreendida e dada ao público, naquele momento tão peculiar de nossa história.

Sublinhe-se que não se deseja apenas historiar o passado, mas recuperá-lo, avaliando as teias que constituem o texto da gramática em pauta, possibilitando-nos avaliar a história não como um estudo do passado somente, mas uma disciplina que se debruça sobre os homens e as gramáticas surgidas na ocasião, feitas por e para homens acabam por retratar o período em que foram dadas a ler: momento conturbado, de muitas transformações e instabilidade, tanto na sociedade em geral, como na instituição escolar.

3. Descrição e análise da obra

Apresenta-se agora como foi pensada o *Compendio de grammatica portugueza da primeira idade*, de Cyrilo Dilermando.

3.1. Do autor e da obra

Fig.1: Folha de rosto da obra – 5ª edição 1869.



3.1.1. Do autor

De acordo com o “Portal da História do Ceará”⁴, Cirilo Dilermando da Silveira⁵ nasceu em Icó, terceira vila a ser instalada no Ceará, filho de Manoel Dilermando Paz, funcionário da Tesouraria Provincial. Mudou-se depois para o que hoje é chamado de região Sudeste, onde exerceu o magistério nas províncias do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Fundou um colégio em Valença (RJ). Serviu na Recebedoria do Município Neutro. Publicou: Coleção de traslados oferecidos para uso da mocidade brasileira; Compêndio de gramática da língua portuguesa da primeira idade (1855, obra adotada pelo Conselho da Instrução Pública); Exercícios de análise lexicográfica ou gramatical e de análise sintática ou lógica (1970). Morreu no Rio de Janeiro

3.2. Da obra

Restaino (2009) lembra que até meados do século XIX, o ensino da Gramática Nacional estava associado ao conhecimento do professor ou preceptor, que o transmitia aos alunos por meio de ditados ou de suas “postillas”. O compêndio do Prof. Cyrillo Dilermano inaugurou a fase de ação de obra didática e foi adotado por décadas no Colégio Pedro II. Trata-se de uma pequena obra (em extensão), um compêndio⁶ mesmo, contando com 124 páginas de 11,5 x 19 cm. A edição em estudo já passara por duas revisões, uma das quais contando com a colaboração do professor. Cândido Matheus de Faria Pardal. Ficou em uso por mais de duas décadas no Colégio de Pedro II, tendo sido adotada na reforma de Couto Ferraz.

A obra apresenta suas “Noções preliminares” em que o autor expõe as definições gramática, explicitando:

⁴ http://portal.ceara.pro.br/iex.php?option=com_content&view=article&id=1864&catid=293&Itemid=101. Acesso em: 06.02.2021.

⁵ A partir desse momento, procurou-se atualizar a ortografia para facilitar a leitura.

⁶ Compêndio = *substantivo masculino*

1. resumo de uma teoria, ciência, doutrina etc.

2. POR METONÍMIA: livro, esp. escolar, que enfeixa tal resumo. “um c. de geografia”

1. A Gramática⁷ é considerada como ciência, e toma a denominação de gramática geral, quando estabelece regras e preceitos invariáveis, para bem se falar e escrever, que são comuns a todas as línguas. 2. A gramática é considerada como arte, e toma a denominação de gramática particular, quando ela faz aplicação das regras e preceitos gerais, para bem se falar e escrever, a qualquer língua em particular (v. g., á Língua portuguesa), de acordo com as instituições arbitrárias e usuais, próprias dessa mesma língua. (p. 1)

Mostrando, como seria de se esperar, sua filiação à gramática geral e sua filiação aos estudiosos do século XVIII, como Arnauld e Lancelot. Como afirma TARRIER⁸:

[...] Cette idée⁹ est en fait sous-tendue par une autre selon laquelle les principes généraux qui régissent une langue particulière ne sont pas réductibles aux simples formes et usages de celle-ci, mais participent d'un niveau supérieur susceptible d'être exprimé dans toutes les langues. C'est précisément cette conception qui sera finalement à l'origine d'un projet qui va dominer durablement les études sur les langues et le langage, le projet d'une Grammaire générale et raisonnée. (TARRIER, [s./d.])

Contudo, seu olhar de professor de língua, cujo papel na ocasião era o de ministrar só e exclusivamente o padrão culto, compreende a gramática de língua portuguesa como arte que nos ensina a falar e escrever com acerto a língua portuguesa. Aponte-se que foi também no século XVII que surgiu a ideia de “bom uso”:

[...] en 1634, de l'Académie française par Richelieu s'inscrit pleinement dans cette perspective. Les statuts de cette nouvelle institution énoncent clairement : La principale fonction de l'Académie sera de travailler avec tout le soin et toute la diligence possible à donner des règles certaines à notre langue et à la rendre pure, éloquente et capable de traiter les arts et les sciences. (TARRIER, [s./d.])

Sublinhe-se que essas duas concepções: Gramática como ciência e arte vão permear todo o saber linguístico dos estudiosos, inclusive os brasileiros, até meados do século XIX, quando começaram a surgir as obras de inspiração histórico-comparativa.

⁷ Foi feita procedida a ortográfica para facilitar a leitura.

⁸ SL0005X – *Histoire de la linguistique* – J.-M. Tarrie. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/450856355/Histoire-de-la-linguistique-TARRIER-pdf>. Acesso em: 09.02.2021.

⁹ De uma gramática geral.

Na sequência, seguindo sua filiação à gramática tradicional, divide sua obra nas clássicas 04 partes: Etimologia, Sintaxe, Prosódia e Ortografia, comungando com o ideário do bom uso da língua.

Por uma questão de delimitação, estudar-se-á, neste trabalho, a Etimologia.

4. Da etimologia

O autor dá início a essa parte conceituando o termo: “Etimologia é a parte da gramática que ensina a distinguir as palavras; isto é, classificadas, segundo a sua natureza, espécie e propriedades.”. Na sequência, ensina: “Ha, na língua portuguesa, dez palavras distintas; a saber: seis, que se chamam variáveis, porque sofrem mudança na sua terminação: o substantivo (ou nome), o artigo, o adjetivo, o pronome, o verbo e o particípio; e quatro, que se chamam invariáveis, porque não sofrem mudança alguma na sua terminação: o advérbio, a preposição, a conjunção e a interjeição” (p. 3).

Chama atenção o fato de ele bipartir as páginas de sua gramática: na parte superior, discorre sobre a teoria e na inferior, traz perguntas relativas ao conteúdo ministrado. Recordemo-nos de que se trata de uma obra didática, assim, supõe-se que, depois de dada a teoria, os alunos deveriam responder às perguntas propostas, em seus cadernos ou oralmente para “facilitar” a memorização do conteúdo.

O autor, inclusive, na parte introdutória, a que chama de “Ao Público”, esclarece que ofereceria no futuro uma obra específica de exercícios¹⁰, mas, por ora, os acomodaria na própria obra:

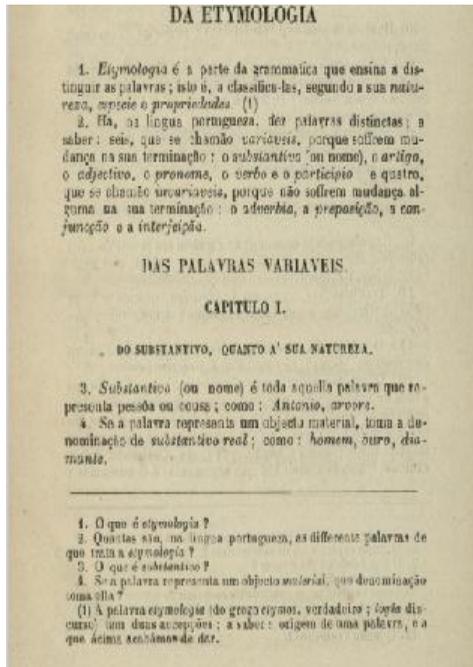
¹⁰ A promessa foi de fato cumprida e, em 1870, lança seu livro de exercícios, intitulado “Exercícios de análise lexicográfica ou gramatical e de análise sintática e lógica. 1ª edição. tip. de Quirino & irmãos – Rio de Janeiro, 1870.

Fig. 2: (pág. IV).

Para complemento, pois, do nosso trabalho, dentro em pouco, teremos ainda de ofertar aos nossos jovens concidadãos uma completa collecção de exercicios, de que ora nos occupamos, accomodados ás regras do presente compendio; trabalho, que, sendo não menos digno de attenção, nutrimos a lisongeira esperança de que merecerá também favoravel acolhimento. E nada mais tendo nós a acrescentar, resta-nos sómente dizer que, se não temos a louca vaidade de suppor que apresentámos á nossa esperançosa mocidade brasileira um perfeito compendio de grammatica da lingua vernacula, porque tanto não presumimos da nossa apoucada esphera, ao menos fizemos quanto coube em nossas limitadas forças, para apresentar-lhes um livro, onde bebessem, com solidez, os mais geraes conhecimentos da lingua. Assim, por unica

Continuando, dá início ao texto, esclarecendo a Etimologia. Para que se tenha ideia da bipartição que propõe nesse estudo, veja-se:

Fig. 3: (p. 3).



4.1. Das palavras variáveis

Como já se mencionou, o autor traz como invariáveis os substantivos, adjetivos, artigos, pronome verbo e particípio. Em relação ao primeiro, conceitua-o relativamente à natureza e à espécie. Em relação à natureza, afirma: “Substantivo (ou nome) é toda palavra que representa pessoa ou coisa, como: Antonio, árvore” (p. 3). Na sequência, ensina: se o objeto for real, denomina-se substantivo real, ao contrário, se for “puramente ideal”, chamar-se-á substantivo abstrato.

Em relação a esse posicionamento, chama-nos atenção ao fato de acatar como sinônimos a terminologia *nome x substantivo*. No século anterior, a gramática da Academia Espanhola, ensinaria: “o nome es la primera parte de la oración (...)”. Já em Moraes Silva (1806), lê-se: “Estas são as palavras de que se usa na linguagem analisada e discursada (nomes, adjetivos articulares, adjetivos atributivos...)” (p. V). Comungando com esses autores, Frei Caneca¹¹, em sua Gramática, asseveraria:

Logo que os homens acharam os sons, isto é, as letras, cuidarem em inventar palavras para designarem os diversos objetos, que se ofereciam aos seus sentidos. Como cada um destes objetos é um ser animado, ou uma substância inanimada, as primeiras palavras, em que se conveio, foram chamadas – substantivos – isto é, nomes de substâncias (CANECA, 1817?, p. 20)

Fávero e Molina (2006) explicam que a distinção entre substantivos e adjetivos vem da gramática medieval, uma vez que Prisciano usava o termo *adjectivum* no sentido qualificativo, sem, contudo, considerá-lo uma classe independente e os autores da Grammaire¹² incluíam na classe *Nome* tanto substantivos quanto adjetivos.

Quanto à espécie, o autor explica que há duas: próprios e comuns, como se encontra em obras hodiernas. Na sequência, ensina que os comuns podem ser primitivos, derivados, coletivos, aumentativos, diminutivos, verbais e compostos, incluindo aí o que hoje se vê nas flexões de grau. Em relação aos substantivos verbais, considera aqueles que hoje são chamados de deverbais, como “*negação*, de *negar*, *sentimento*, de *sentir*, etc.” (p. 5).

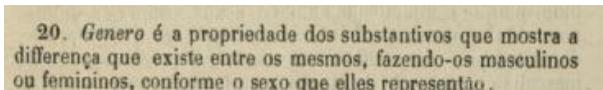
¹¹ Introdução do *Breve Compêndio de Grammatica Portuguesa*, do Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, escrita entre 1817/1818.

¹² E seus seguidores.

Continuando o estudo dessa classe, informa as propriedades do substantivo, asseverando: “Duas são as propriedades do substantivo: gênero e número” (p. 6), ou seja, por *propriedade*, entende o que hoje chama-se de flexão.

Quanto ao gênero, informa:

Fig. 4: (p. 5).



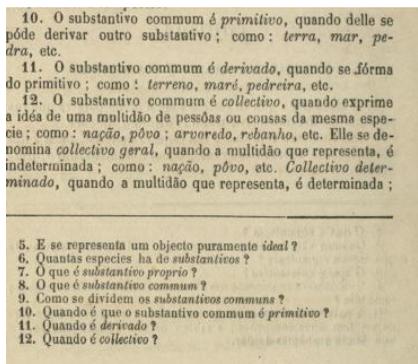
20. Genero é a propriedade dos substantivos que mostra a diferença que existe entre os mesmos, fazendo-os masculinos ou femininos, conforme o sexo que elles representão.

Relacionando-o com o sexo e, assim, mostrando seu alinhamento à corrente naturalista que aproximava a língua aos seres vivos que crescem, desenvolvem-se e morrem.

Antes de se dar continuidade à teoria, interessa mencionar que, ao final de cada página, o autor traz uma série de perguntas a serem respondidas pelos alunos, indicando que o método por ele adotado 333 deveria ser o de orientação socrática, estimulando o aluno por meio de perguntas e respostas, numa expectativa de que houvesse repetição x memorização. A esse respeito, Puren (2012) assevera:

Dans les classes de grammaire, le procédé de **mémorisation/restitution** (apprentissage par cœur en étude ou à la maison puis récitation en classe) conserve l'importance primordiale qui est la sienne depuis le Moyen-Âge, tant pour les morceauxchoisis et les règles de grammaire avec leurs exemples que pour vocabulaire [...] (PUREN, 2012, p. 22)

Fig. 5: (p. 4).



10. O substantivo commum é primitivo, quando delle se pôde derivar outro substantivo; como: terra, mar, pedra, etc.
11. O substantivo commum é derivado, quando se fórra do primitivo; como: terreno, maré, pedreira, etc.
12. O substantivo commum é colectivo, quando exprime a idéa de uma multidão de pessoas ou cousas da mesma especie; como: nação, povo; arvoredo, rebanho, etc. Elle se denomina colectivo geral, quando a multidão que representa, é indeterminada; como: nação, povo, etc. Colectivo determinado, quando a multidão que representa, é determinada;

5. E se representa um objecto puramente ideal?
6. Quantas especies ha de substantivos?
7. O que é substantivo proprio?
8. O que é substantivo commum?
9. Como se dividem os substantivos communs?
10. Quando é que o substantivo commum é primitivo?
11. Quando é derivado?
12. Quando é colectivo?

Quanto ao número, lê-se na obra o que muito similarmente é lido nas obras hodiernas.

Na sequência, traz o *Artigo*, ensinando: “Artigo é uma pequena palavra (ou partícula) que por si só não tem significação alguma; mas que, sendo anteposta aos substantivos¹³ comuns, serve para indicar o sentido ou a ideia que eles representam, ora ampliada ora reduzida” (p. 9), fazendo parecer que o compreende numa visão perspectiva, como se se tratasse de figuras geométricas.

Pardal e Ortiz, obra empregada em substituição a essa no Colégio de Pedro II, informariam também de forma pouco elucidativa: “Artigo é a palavra que precede os nomes para anunciar que eles são empregados em um sentido determinado” (p. 13).

Tratando ainda sobre a classe, discorre sobre as variações e combinações que sofre, a depender da palavra que lhe segue ou a que se incorpora, trazendo uma vasta relação de artigos e suas contrações e combinações.

Outro ponto a destacar em relação ao artigo é a comparação que o autor faz entre a Língua Portuguesa e a Latina. Ensina ele:

Fig. 6: (p. 11).

10. Jun tando-se os artigos simples e contrahidos aos substantivos, exprimem-se, em portuguez, as seis seguintes relações que, no latim, se designão por casos ou terminações ; a saber : 1.^a *Relação subjectiva* ; 2.^a *Relação restrictiva ou possessiva* ; 3.^a *Relação terminativa* ; 4.^a *Relação objectiva* ; 5.^a *Relação vocativa* (ou palavra em apostrophe) ; 6.^a *Relação circumstantial*.

Ex.

N. S.	Rel. subj. <i>o Homem.</i>	N. P.	Rel. subj. <i>os Homens.</i>
	Rel. restr. <i>do Homem.</i>		Rel. restr. <i>dos Homens.</i>
	Rel. term. <i>ao Homem.</i>		Rel. term. <i>aos Homens.</i>
	Rel. obj. <i>o Homem.</i>		Rel. obj. <i>os Homens.</i>
	Rel. voc. <i>Homem</i> (não tem artigo).		Rel. voc. <i>Homens</i> (não tem artigo).
	Rel. circ. <i>do Homem, no Homem, pelo Homem.</i>		Rel. circ. <i>dos Homens, nos Homens, pelos Homens.</i>

¹³ Nas citações, em especial, foi atualizada a ortografia, para facilitar a leitura.

Na sequência, vêm os *adjetivos*, quando o autor leciona: “Adjetivo é uma palavra que serve para qualificar ou determinar o substantivo” (p. 12), informando que, portanto, há duas espécies dele: qualificativo e determinativo. Os primeiros se dividem em positivo, comparativo e superlativo. Vale esclarecer que o que chama de “positivo” é o que se classifica como grau normal. Em relação ao segundo, ensina: “é aquele que determina o substantivo a que se ajunta, acrescentando-lhe uma maneira de existir” (p. 13). Tal conceituação, tentando experimentar um olhar retroativo, levando-o à época dos ensinamentos, só poderia ser compreendida depois da leitura da exemplificação: “(...) como este, esse, aquele, Aquele homem; aquela mulher”. Elenca também os adjetivos numerais, explicando que esses dão ao substantivo a que se junta a ideia de quantidade e ordem. Hoje tal adjetivo inscreve-se nas classes dos pronomes e dos numerais.

Finaliza a classe informando suas propriedades, ou seja, as modificações a que se vê submetida, dependendo do gênero e número do substantivo a que se junta, trazendo então, novamente, vastas listas do que hoje se entende por flexões.

Continuando a *etimologia*, trata em continuidade do *pronome*, explicando: “Pronome é a palavra que se emprega no lugar do substantivo, e dele recebe o mesmo gênero e número, como o adjetivo” (p. 17), partindo-os em cinco espécies: pessoais, relativos (ou conjuntivos), possessivos, demonstrativos e indefinidos; informando que “uns destes são essenciais, outros acidentais ou virtuais” (p. 17). Nos essenciais inscreve os pronomes pessoais; nos acidentais ou virtuais, os demais. Vale lembrar aqui que, ao se fazer História das Ideias Linguísticas, se deve entender esta gramática como um documento produto do passado, produzido por um professor inserido naquele contexto, para aquela sociedade, portanto todas as leituras devem buscar um olhar retrospectivo, inserido naquele contexto. Dessa feita, o “virtual¹⁴” empregado pelo autor deveria dizer respeito o que teria potência de ocorrer.

Traz ainda um parágrafo para que se possam diferenciar os pronomes dos adjetivos. Diz o autor: “2. Para distinguirem-se os pronomes acidentais dos adjetivos, basta atender que o pronome ocupa o lugar do

¹⁴ O termo *virtual* vem do latim medieval *Virtuale* ou *Virtualis*, cujo radical *Virtus* foi mantido e significa: *virtude*, força ou potência (www.wikipédia.com. Acesso em: julho 2021).

substantivo, e o adjetivo está sempre junto a ele. Ex. Qualquer é suscetível de aprender. Este menino é estudioso.” (p. 19).

Termina ensinando as propriedades dos pronomes, ou seja, suas flexões, trazendo, tal qual sucedera com os adjetivos, rol de flexões da classe em gênero e número.

Vasto é o estudo do verbo, que ocupa 39 páginas do total das 124 da obra, ou seja, mais de 31% de seu total são dedicados a essa classe, como era de se esperar, dado o contexto em que a gramática foi gestada. Lembre-se de que se tratava de um momento em que as de inspiração filosófica pontificavam e essas entendiam que, enquanto o verbo não fosse pronunciado, nada era falado. Apesar disso, Cavalieri (2014, p. 52) aponta que: “No Brasil, decerto, os parâmetros da gramática filosófica foram extremamente atenuados pela pouca perspectiva doutrinária de nossos gramáticos, mais interessados em criar manuais normativos com regras do bem-dizer.”. Era exatamente essa a proposta do autor: produzir um compêndio escolar com fins utilitários para aquela sociedade formada por uma grande massa de analfabetos e que começava a se identificar como nação.

Em relação a essa classe, valem mencionar que inicia informando que, quanto à natureza, trata-se de “uma palavra, cuja significação ora indica ou afirma a existência habitual e permanente de um atributo em um sujeito, como o verbo “ser”; ora a existência atual e temporária, como o verbo Estar. Ex. Pedro é doente ; Pedro está doente.”, ampliando, pois, o conceito apresentado na *Grammaire*. Seus autores dedicaram especial atenção ao nome, ao verbo e à conjunção, mencionando que essas são responsáveis por três das operações mais importantes da lógica: conceber ideias, formular juízos e encadeá-los.

Portanto, a operação lógica tem a função de expressar um juízo sobre, e isso, naquele contexto, se dá na relação que hoje se denomina: sujeito x predicado (atributo).

Para Arnauld e Lancelot todo juízo seria composto por duas ideias e uma conexão:

Fig. 7: Operação Lógica (da autora).



Até em orações como: “José estuda”, estariam implícitos (de forma ‘invisível’): José é estudioso = Ideia + Cone + Juízo.

Por essa abordagem, percebe-se que para os autores o verbo SER é mesmo a palavra por excelência, cujo papel é fazer uma afirmação. “...ce que l’on appelle verbe qui n’est rien qu’un mot dont le principal usage est le signifier l’affirmation, c’est a-dire, de marquer que le discours ou ce mot est employé, est le discours d’un homme que ni conçoit pas seulement les choses, mais qui en juge et qui les affirme (*Grammaire*, II, 13, p. 66)”.

Para esses racionalistas, o verbo “être” que faz uma afirmação é o verbo substantivo, raiz de todos os outros; e o que acrescenta à ideia é um verbo adjetivo = *vivre* = *être vivant*.

Na mesma toada, então, informam que os verbos são de duas espécies: substantivos e adjetivos. Os primeiros, como já mencionado, é o verbo por excelência, os segundos, encerram o verbo substantivo, como mencionado acima. Ou seja, em toda oração, até a como “Pedro estuda” compreenderia “Pedro É estudante”.

Na sequência menciona que, quando o verbo, mesmo com o SER exige complementação fora do sujeito, têm-se as complementações direta e indireta, mostrando uma evolução em relação ao pensamento racionalista.

Outra particularidade a ser destacada diz respeito ao SE passivo. Muitos estudiosos da época não o consideravam como tal, comparando-o ao *ON* do francês. Este gramático, ao contrário, ensina:

[Por meio do verbo] Exprime-se também a voz passiva, incorporando-se às terceiras pessoas do verbo ativo a partícula *Se* (como sinal característico daquela voz), quando o sujeito não pode exercitar por si mesmo a significação dessas formas verbais, mas sim a recebe; como: Cortam-se arvores que equivale – a arvores são cortadas ; Ofende-se a virtude, que é o mesmo que – a virtude é o/fendida. (p. 26)

Na sequência, leciona que são cinco os modos verbais: 1º Modo Indicativo ; 2º Modo Condicional; 3º Modo Imperativo ; 4º Modo Subjuntivo; 5º Modo Infinitivo; e, como ocorre ainda hoje, considera três tempos: Presente, pretérito e futuro; e dois números: singular e plural.

Contrariamente a muitas obras da época, elenca três conjugações: -ar, -er, -ir, inserindo, pois o -or na segunda.

E, mais uma vez, revelando seu olhar cuidadoso sobre a classe, informa: “Distingue-se o radical da terminação, separando as letras iniciais do Infinitivo do verbo; isto é, todas as letras que precedem a vogal da sílaba, em que termina o Infinitivo do verbo; como em Am-ar : o radical é am-, e a terminação é -ar.”

Finalizando, seguem-se modelos e modelos de conjugações, como era de se esperar, dado o contexto em que a obra foi dada ao público: instância em que era exigida a memorização e posterior verbalização dos verbos¹⁵.

4.2. Palavras invariáveis

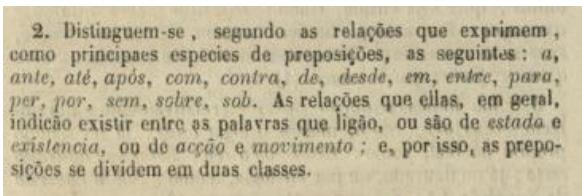
Para o autor, quatro são as palavras invariáveis: advérbio, preposição, conjunção e interjeição, como se verá a seguir.

Em relação ao advérbio, traz a mesma conceituação encontrada em obras hodiernas: “Advérbio é uma palavra invariável, que junto ao verbo, ao adjetivo, ou a um outro advérbio, os modifica, exprimindo alguma circunstância de modo, tempo, lugar, quantidade, etc.” (p. 60).

Ao falar da preposição, apresenta uma análise muito mais acurada até que obras que habitam escolas hoje em dia: “Preposição é uma palavra invariável, que, posta entre duas outras palavras, não só as liga, e mostra que a segunda é complemento da primeira, mas também indica a relação que existe entre elas, v.g., de tempo, modo, lugar, causa,, posse, ou propriedade, etc. Ex. Vou a Paris; Casa de João.” (p. 63). Depois, de forma mais pormenorizada, continua:

¹⁵ Modelo de aprendizado que atravessou séculos.

Fig. 8: (p. 63).



2. Distinguem-se , segundo as relações que exprimem , como principaes especies de preposições, as seguintes : a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sobre, sob. As relações que ellas, em geral, indicão existir entre as palavras que ligão, ou são de estado e existencia, ou de acção e movimento ; e, por isso, as preposições se dividem em duas classes.

As preposições de primeira classe são aquelas que, para o autor, revelam estado ou existência, como “em, sobre...”. As da segunda são as que informam ação e movimento, como “para, a...”. E, novamente, atendendo à época traz um rol de preposições e suas funções para serem decoradas pelos alunos.

Um ponto a ser relevado em relação a essa classe de palavra é quando o autor relembra a língua latina, informando:

Chamam-se preposições inseparáveis aquelas que se derivam do latim, e de per si não formam palavras, mas sim quando se ajuntam aos verbos simples, aos nomes e adjetivos, em virtude do que tomam estas diversas significações ou acepções. Tais preposições são: abs, ad, circum, co, con, de, des, di, dis, ex, extra, in, inter, ob, per, pre, pro, re, sub, sus (advérbio) trans, etc. (p. 69)

Continuando, vêm as conjunções, definidas pelo gramático como palavras que “atam ou unem entre si as frases (ou orações) para formarem o sentido total de um ou mais períodos, ou de um discurso continuado” (p. 70). Vale apontar aqui que não considera o papel conector de palavras, como algumas obras dele contemporâneas nem seguidoras.

Depois, esclarece que as conjunções “se dividem em tantas espécies, quantas forem as diversas relações que elas indicarem existir entre as frases que atam ou unem. Essas relações são de dois modos : de semelhança, e de opposição ou modificação; e, por isso, as conjunções compreendem duas classes. As primeiras atam orações por relação de semelhança e, amparado no latim, traz as copulativas (afirmativas e negativas), disjuntivas, explicativas e continuativas. Já as conjunções que exprimem relação de opposição, são, por exemplo, as adversativas, conclusivas, comparativas, circunstanciais, etc. Reunindo o que hoje entende-se coordenativas e subordinativas.

Finaliza o estudo da *etimologia*, trazendo a interjeição que, para o autor é uma palavra que serve para exprimir, do uma maneira rápida e

concisa, os sentimentos súbitos de nossa alma; como: Ai! Hui / Oh! Diferentemente de muitos estudiosos seus contemporâneos que não a consideravam classe, por entenderem-na um grito da alma.

E mais uma vez, segue-se um rol de tipos de interjeições a serem estudadas pelos alunos, reforçando que, ao final de cada página vêm perguntas a serem respondidas por eles.

5. *Considerações finais*

Ao final da análise da Etimologia na obra de Cirilo Dilermando da Silveira, é importante lembrar que foi ela responsável pela formação de muitos intelectuais brasileiros, tendo sido adotada por décadas no Colégio de Pedro II.

Relevante também apontar que

Observar a constituição destes instrumentos tecnológicos é tratar o modo como a sociedade brasileira constrói elementos de sua identidade. A produção de tecnologias é parte do modo como toda sociedade as constitui historicamente. E a produção tecnológica relacionada com a linguagem é, não há dúvida, lugar privilegiado de observação do modo como uma sociedade produz seu conhecimento, relativamente à sua identidade. (GUIMARAES; ORLANDI, 1996, p. 9)

Além disso, na esteira de Auroux (1992), revisar, estudar, analisar o passado, fazem melhor compreender os conceitos acumulados ao longo dos tempos, proporcionando um melhor olhar para o objeto presente. Parecer esse reforçado por Colombat *et al.* (2017). Para eles, as línguas são construções históricas, representações daqueles que as descreve.

Assim, quando se observam as ideias linguísticas de Dilermando da Silva sobre os tópicos de Etimologia aqui estudados, é possível verificar que ele está ancorado sobremaneira, como era de se esperar, nos ideários de sua época, na esteira dos racionalistas. Além disso, não esquecendo a língua latina, algumas vezes usa dela como modelo ou oposição. Finalmente, resta apontar que, a despeito disso, algumas poucas vezes, alargou o proposto pelas gramáticas de inspiração filosófica, principalmente em alguns aspectos do verbo, e (ou) alargou as definições, como visto em relação às interjeições.

Dessa feita, pode-se dizer que a obra fornece informações relevantes para compreender como a Etimologia era pensada e forneceu subsídios que permite depreender, dado o vasto período em que foi adotada,

que autor foi um dos principais gramáticos da História das Ideias Linguísticas no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Gramática Geral e Razoada. Trad. de Bruno Basseto e Henrique G. Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

_____. *Histoire des Idées Linguistiques*. Paris: Pierre Mardaga Editeur, Tomo1, 1989.

CAVALIERE, R. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2014.

COLOMBAT, B. *et al. Uma história das ideias linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. *As concepções Linguísticas no Brasil no Século XIX e Início do XX: As gramáticas da Infância*. São Paulo, Terracota, 2019.

_____. *As concepções linguísticas no Brasil no século XIX: A gramática no Brasil*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

GUIMARAES, E.; ORLANDI, E. *Identidade linguística*. In: ____; _____. *Língua e cidadania*. Campinas: Pontes, 1996

MOLINA, M. A. G. A questão do método no ensino da Língua Portuguesa: século XIX. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 2, t. 1. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/341-353.pdf - acesso em 06.02.2021.

PARDAL, C. M. F.; ORTIZ, J. *Grammática analytica e explicativa da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, 1884.

PUREN, C. *Histoire des méthodologies d'enseignement des langues vivantes*. Paris : Nathan-CLE International, 2012.

RESTAINO, H.C. A trajetória do ensino de língua portuguesa e de leitura na escola da República Velha. *Anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas, 2009.

SILVEIRA, C. D. da. *Compendio de grammatica portugueza da primeira idade*. Rio de Janeiro: Typ. Quirino e Irmão, 1869.

Outra fonte:

Dicionário Bibliográfico Brasileiro. disponível em: <http://www2.sena.do.leg.br/bdsf/handle/id/221681>. Acesso em: 10 de junho 2021.